

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER

Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

ASPECTOS PRÁTICOS DO TRABALHO OPERÁRIO

Documento da ORM - PO, publicado em: julho de 1967

Documento digitalizado em: 20.05.2009

Fonte: Acervo Victor Meyer

ASPECTOS PRÁTICOS DO TRABALHO OPERÁRIO¹

1. O problema que a O. enfrenta presentemente em primeiro lugar está ligado aos aspectos práticos do trabalho na classe operaria. Concretamente, é o método de aproximação de nossos militantes às lideranças locais ou aos operários de fábrica. Trata-se além disso de fazer com que, onde já exista, esse gênero de atividade dê rendimentos políticos e organizatórios. Um primeiro balanço já permite localizar nossas falhas, que coexistem principalmente numa falta de preparação dos nossos quadros, falta de orientação fornecida pelos órgãos dirigentes, falta de conhecimentos e de sistema de trabalho. Acreditamos que se impõe um debate sistemático desses problemas, em todos os níveis da O. para vencer essas dificuldades. Acreditamos também que as principais dificuldades, que agora se fazem sentir, têm a sua origem em nós mesmos. É por aí que temos de começar.

Em primeiro lugar, os nossos quadros não dispõem de muitos conhecimentos reais sobre o modo de vida e os problemas do proletariado. Desconhecem tanto as questões internas de uma fábrica como as de um sindicato, as legislações do trabalho, as de previdência social, como as reivindicações espontâneas e latentes dos operários. Isso dificulta tanto o diálogo quanto uma agitação produtiva, que têm de se desenrolar em torno de problemas concretos de classe. Essa falha é inevitável no início, mas pode ser superada em relativamente pouco tempo, na medida em que se estabeleçam os primeiros contatos sistemáticos com o movimento operário existente e se os condiciona a um estudo sistemático dos assuntos. Há, entretanto, outros pontos fracos na formação de nossos quadros que tem de ser levados em conta.

A segunda falha fundamental consiste, a nosso ver, no desconhecimento que os nossos militantes têm da luta operária no passado e em outros lugares, isto é, da experiência comunista, do armamento teórico de um revolucionário na sociedade burguesa, que torna o militante capaz de orientar a luta política da classe operária. Esta parte do conhecimento de um comunista nós não podemos adquirir da prática com os operários. Trata-se justamente da nossa contribuição, como militantes políticos, à luta da classe operaria. E a existência dessa lacuna na formação política é causa, de um lado, da insegurança dos nossos quadros ao enfrentarem problemas práticos da luta de classes e de outro lado, de uma falta de dinamismo e de agressividade que emperra seriamente as atividades da O. - e não só no meio operário.

Em terceiro lugar, a premissa para uma atividade revolucionária conseqüente no meio do proletariado é a denúncia impiedosa das contradições existentes na sociedade burguesa, é a argumentação anticapitalista. Só se pode transmitir, todavia, o que se tem e a maioria dos nossos militantes, que vem do ME e do ambiente da classe média não dispõe de uma argumentação anticapitalista suficiente para estabelecer um terreno comum com o operário de fábrica. Os nossos quadros, que em sua maioria apreende o marxismo como teoria sociológica ainda se contenta mais em interpretar a sociedade do que em querer mudá-la (em parte porque uma atividade mais conseqüente implica numa mudança do próprio modo de vida). A força de argumentação anticapitalista de um revolucionário, entretanto, é o resultado da sua atitude crítica, frente às instituições e convenções existentes, da sua própria hostilidade a sociedade burguesa. Os nossos militantes freqüentemente não estão à vontade para pregar o ódio de classe, simplesmente porque não o sentem, porque o seu modo de vida não os faz sentir ainda toda a agudeza das contradições de classe existentes no país.

Além disso, as tradições da política estudantil dificultam traduzir essa crítica e hostilidade - na medida em que existem - em militância.

2. Só superaremos essa fraqueza fundamental da O. (e que não é só nossa, trata-se de uma herança da esquerda em geral) se enfrentarmos o problema da educação política dos

¹ Escrito por Érico Sachs. Divulgado como documento interno da ORM-PO, assinado pelo seu Comitê Nacional.

nossos militantes de um ângulo diferente, isto é, na medida em que formos capazes, de fato, de dar-lhes uma formação comunista. Uma formação comunista é uma formação política assimilada intelectualmente. Isso, porém, não quer dizer formação intelectual, no sentido burguês e que desliga a teoria da prática. O comunista adquire a teoria para pô-la em prática e não pode haver contradição entre os dois aspectos de uma atividade: a de transformação da sociedade. Teoria é o conhecimento sistemático do terreno de luta. A aquisição desse conhecimento sistematizado torna elementos vindos das classes médias aptos a dar uma contribuição à luta do proletariado. Torna-os aptos a militar, a participar de uma vanguarda. Isso, todavia, não esgota o assunto da unidade da teoria e da prática para um revolucionário. Outro aspecto da questão é o seu modo de vida. Certamente não somos uma seita de reformadores, que prescreve aos militantes como deve viver amar ou se reproduzir. Como comunistas podemos, porém, exigir dos nossos militantes que rompam com os modos de vida que os impedem de militar e de ter existência revolucionária.

Se de um lado, não podemos levar a sério um comunista que frequenta Universidade, mas se contenta em mal saber que houve uma Comuna de Paris, nunca tentou estudar as experiências da Revolução Russa e se sabe alguma coisa a mais sobre a cubana ou a chinesa é por fontes de jornalismo burguês, tão pouco podemos aceitar o revolucionário dos "nunca aos domingos", que separe a sua militância a uma ou duas noites por semana de vida ou de carreira burguesa, ou pequeno-burguesa; essa espécie de militante fica geralmente muito surpreendido quando ouve dizer que comunista não casa no religioso, não vai à igreja, nem na missa de um amigo, e evita apelar para a polícia para prender um ladrão por mais pobre que ele seja.

Não vamos, todavia fazer os militantes de base de bodes expiatórios. A direção e as direções intermediárias da O. tem plena responsabilidade pela seleção e formação de quadros. Toda função de direção implica automaticamente numa responsabilidade pela formação e o nível dos quadros. A O. é um exército em miniatura, que se formou para entrar numa luta; e toda liderança é responsável pela capacidade de luta da tropa, seu treino, seu armamento. Tem de velar pela formação das suas unidades, acompanhá-la de perto para saber qual o terreno de luta em que já podem combater. Essa responsabilidade vem de cima para baixo, dos dirigentes para os quadros médios; dos intermediários para as bases e cada base tem de se sentir responsável pelos recém-recrutados.

Esses problemas são próprios de uma O. composta por quadros vindos da classe média, que enfrentam o terreno novo de penetração orgânica na classe operária. Refletem o estado precário do amadurecimento da esquerda revolucionária no país. Como comunistas não temos outra alternativa do que enfrentá-lo e superá-lo. Enfrentá-lo só podemos no trabalho prático. E os superaremos na medida em que formarmos quadros operários integrados na O. Isso não eliminará os problemas, mas os colocará num nível diferente.

3. A tarefa mais importante se resume, portanto, na formação de quadros operários que exerçam uma liderança local na classe operária, ou absorver lideranças locais já constituídas, onde houver perspectiva de torná-las revolucionárias. Isso não é trabalho de laboratório. As lideranças só se formam durante e no decorrer de lutas e temos, pois, que nelas participar, procurando orientá-las.

O critério para uma aproximação de nossos militantes aos operários, grupos de operários ou entidades operárias, não deve ser determinado pelo simples ângulo do recrutamento individual para a O. Tal imediatismo não dá os resultados desejados e corta as possibilidades de exercer uma influência maior sobre a classe.

Estamos procurando atualmente o caminho para a fábrica, o centro da aglomeração do proletariado, onde a classe se concentra forçosamente e onde tem de fato sua vida social. Isso significa que devemos nos empenhar pela criação de organizações nas fábricas, mesmo quando os operários ainda não aceitem nossas posições. O importante é que o proletariado comece a se movimentar localmente, parcialmente. Sem lutas parciais e locais não haverá uma conscientização do proletariado, não se cria o ambiente necessário para o surgimento de novas lideranças, não se dará a seleção natural, indispensável à formação de quadros políticos operários, que possam ser interligados na militância de uma O.

Temos de levar em conta que o operário, pela sua educação, seu modo de vida e seu

trabalho, não parte da teoria como primeiro passo para chegar a uma prática revolucionária. Nisto é fundamentalmente diferente do estudante, do elemento que vem da classe média. O operário parte da experiência, que o prepara para raciocínios teóricos - revolucionários (isso se aplica mesmo a alguns operários do PCB com os quais mantemos contatos). Por isso, o primeiro passo na aproximação da classe operária e para a formação de militantes operários da O., normalmente não é a literatura teórica, não são os cursos. Isso só pode ser válido para uma pequena minoria do proletariado, já em condições de escolher uma alternativa em termos de luta política e, mesmo neste caso, as nossas formulações teóricas têm de ser ligadas de maneira palpável a situação concreta do proletariado. O curso teórico não pode ser uma condição para a militância de um operário dentro da O. Temos de aprender a colocar as nossas posições fundamentais de maneira militante e numa literatura apropriada, em função da atividade diária.

4. O primeiro passo para uma atividade no meio operário é tomar a deixa criada por uma luta latente, que existe independentemente de nós. Trata-se de reivindicações concretas, que às vezes encontramos já formuladas, mas, na maioria das vezes, temos de formular para os operários e com os operários, como ponto de partida para um trabalho de conscientização. As palavras de ordem não estão sendo "boladas", para substituir o trabalho revolucionário no meio das massas, o qual, antes de tomar as formas de manifestações de ruas, greves gerais e levantes armados, consiste numa atividade prosaica persistente e sistemática de dia a dia.

Não basta querer responder a todos os problemas levantados durante uma luta latente entre operário e patrão com fórmulas como Comitê de Empresa. Não se pode colher sem ter semeado. O Comitê de Empresa não representa nenhuma fórmula mágica para a organização e a mobilização da classe, que são o nosso objetivo fundamental. O Comitê representa um estágio do conflito de classes em que os operários se organizam no lugar de trabalho, criam órgãos mais ou menos permanentes para combater os efeitos da exploração capitalista. Mas essa forma de organização tem de ser motivada, isto é, a formação dos Comitês tem de ser ligada às reivindicações concretas que mobilizam os operários da Empresa. Uma vez instituído, os comitês podem eleger delegações para fora das fábricas, as quais podem se tornar instrumentos de luta de classe contra a exploração capitalista em si, isto é, órgãos de luta política do proletariado. Mas tanto num como noutro, os Comitês são resultados de inúmeras lutas locais e parciais em torno de reivindicações das massas.

Nós não devemos esperar passivamente o surgimento dessas reivindicações. Temos de fomentá-las e defini-las. O instrumento mais apropriado no atual momento é a denúncia, a literatura de denúncias; trata-se de começar a levantar na fábrica a denúncia das condições de trabalho, das relações entre operário e chefe, operário e patrão, das injustiças sociais, das condições de habitação e transporte, para chegar à denúncia do sistema social de domínio de classe. Temos de denunciar o não cumprimento das leis em vigor, para mostrar o caráter de classe do sistema legislativo.

São as denúncias de acontecimentos de rotina que permitem deixar nu o caráter da sociedade e do estado, que permitem apelar à solidariedade de classe do proletariado, para fomentar a sua consciência de classe.

Na maioria dos casos não diremos nada de novo aos operários, no que diz respeito aos fatos, que eles conhecem e inclusive fornecem para esse gênero de literatura. O segredo da denúncia é tirar o acontecimento da rotina, do habitual, do fatalismo, focalizando-o de perto. Cada denúncia é um efeito de distanciamento, como diria Brecht. Trazido ao foco toma novas proporções, faz a massa raciocinar a respeito, cria uma expectativa de solução e de luta. O acúmulo de denúncias, às vezes, é uma gota que faz transbordar o barril - e não é sempre a gota maior que desencadeia a inundação.

Considerando a atual situação da classe operária e das vanguardas, a denúncia torna-se uma atividade indispensável na penetração da classe operária. E a esta atividade temos de dedicar todas as nossas energias. Também neste campo não podemos agir sozinhos. Precisamos de "pés" nas fábricas, operários que nos forneçam dados exatos sobre as condições de trabalho, de pagamento, os materiais de conflitos existentes: precisamos desses mesmos operários para colocar a literatura na fábrica; esse gênero de literatura se

dirige principalmente a determinados operários, que são "afetados" pelos acontecimentos denunciados. Não é uma literatura de agitação geral, mas de "casa". Por isso, suas tiragens não precisam ser muito grandes. Devem ser reguladas pelos números de empregados em determinadas empresas ou setores, onde interessa circular.

Em troca, os operários que fornecem os dados e que distribuem os impressos, em grande parte se tornarão a espinha dorsal de uma O. operária dentro da fábrica.

5. Um dos obstáculos naturais e nada desprezíveis que encontramos já nesta primeira fase de aproximação ao proletariado das fábricas é a natural desconfiança dos operários com relação a elementos que vem de fora do seu ambiente. Depende de nós vencermos esta barreira, mas isso só se fará na medida em que mostrarmos que temos algo a dar para eles; partindo da premissa de que o trabalho operário exige ainda maior seriedade que as atividades estudantis, em termos de compromisso e de pontualidade (mesmo quando os operários falharem neste sentido), ainda se impõe que possamos de fato dar soluções a problemas que os preocupam. Para que haja continuidade nos contatos em que um operário está disposto a estabelecer contato conosco, ele espera que estejamos em condições de ajudá-lo, seja em forma de aulas de português, na redação de um folheto, na interpretação de uma lei, ou na análise das perspectivas de luta no país; isso dependerá de seu nível e de suas preocupações imediatas. Qualquer um desses casos pode servir para dar início a uma colaboração e integração revolucionária. Se não temos respostas prontas para todas as perguntas que podem surgir, não será nenhum desastre se a trouxermos no próximo encontro. Mas aí terá de ser dada uma resposta objetiva e certa. Os operários começarão a confiar em nós quando se convencerem não só da seriedade dos nossos objetivos, mas também do nosso trato diário em relação a eles.

De pouca ajuda são as tentativas de aproximação populista, das quais o obreirismo do passado é uma variante, que consistia em querer imitar o modo de falar e de se vestir do operário. Tornam-se contraproducentes geralmente por não convencerem. Tal como Stanislaw, o operário entende palavrão, mas não aprecia pornografia diletante. Tais recursos são desnecessários porque o estabelecimento de vínculos mais estreitos entre um operário e um estudante, por exemplo, se dá em torno de objetivos comuns no decorrer de uma luta comum e na medida em que correspondemos às expectativas da luta.

De outro lado, porém, o operário também não aprecia certos hábitos de moda, como cabelos compridos, calça apertada, etc., atualmente em voga entre os moços da classe média. As mini-saias também não chegaram a conquistar os bairros operários. Finalmente não devemos esquecer que os operários não começarão a revolução pelo sexo e qualquer militante deve evitar onerar as relações de operários com as suas famílias com problemas que não sejam essenciais para a derrocada do sistema burguês-latifundiário.

6. Considerando a atual composição da O. temos as seguintes tarefas de trabalho externo, para uma penetração na classe operária:

- a) Aproximação dos operários que já tenham liderança local ou que sejam capazes de desenvolvê-la e o estabelecimento de uma colaboração com eles quando ainda não compartilham dos nossos pontos de vista. A colaboração em torno de problemas concretos abre o campo para atividades mais concretas e conseqüentes.
- b) Criação de uma literatura de denúncias. Isso só pode ser feito oficialmente com a colaboração de operários de fábricas que forneçam os dados e que se encarreguem de parte da distribuição. É no decorrer desse trabalho feito sistematicamente, que começa uma conscientização política, que acompanha as denúncias.
- c) Formar grupos de militantes com bastante mobilidade para poder entrar em contato com operários em greve, ou outras campanhas, para prestar assistência e tomar contatos.
- d) Aproveitar sistematicamente as atividades estudantis (culturais) para penetrar em sindicatos, bairros e demais entidades operárias.
- e) Aproveitar os mesmos recursos, ou tomar iniciativas locais, para penetrar em escolas noturnas ou profissionais para operários ou fundando-as onde for necessário. As atividades de ensino dão

melhores resultados ainda, quando se consegue colocar militantes ou simpatizantes entre os alunos.

- f) Usar entidades legais, acadêmicas e outras, para fazer enquetes em bairros operários. Trabalho similar que pode ser feito através da Assistência Social.
- g) Deslocar militantes para morar em bairros operários.
- h) Deslocar militantes para trabalhar em fábricas, ou escritórios de fábricas onde possam entrar em contato direto com operários (departamento de pessoal, departamento medico, e outros). Os militantes podem trancar as suas matrículas durante um ano.

7. Hoje já há um sério empenho para adaptar a O. às novas formas de atividade. Mas, a mudança qualitativa fundamental dos nossos quadros, o rompimento definitivo com a herança de classe média só pode se dar com e no decorrer da atividade revolucionária no meio da classe operária. Também no nosso meio deve se dar uma "seleção natural". O trabalho nas fábricas não deve mudar a situação da célula operária, deve mudar a nós mesmos e tornar-nos capazes de preenchermos o nosso papel de vanguarda.

Não devemos esquecer que o partido revolucionário da classe operária é o resultado da penetração do marxismo no proletariado, é feito da fusão do socialismo científico com o movimento operário existente. Essa fusão deu-se nos primórdios do movimento, quando Marx e Engels colocaram o problema da luta de classes em bases materialista; repetiu-se em nível mais alto quando Lênin teve de restabelecer o marxismo revolucionário contra os social-reformistas de sua época e dar-se-á de novo quando levantarmos a bandeira do leninismo no meio de um proletariado traído pelo revisionismo moderno.

Isso significa também que temos de saber aprender com sua luta. Finalmente, devemos ter noção que é a geração nova do proletariado que dará o passo decisivo para essa fusão, que é a geração nova que fornecerá os quadros revolucionários do proletariado. Embora toda a classe esteja em condições e tenha de enfrentar a luta contra a exploração capitalista e imperialista, serão os jovens, ainda não desgastados e não desiludidos pelo passado reformista, que terão disposição para uma militância organizada e sistemática, que terão capacidade para assimilar a teoria revolucionária. É a eles que temos de dedicar especial atenção. A sua juventude não será certamente o único denominador comum com os militantes da O., mas será um fator de modo algum desprezível perante as necessidades exigidas pelas novas formas de luta de classe que se impõe ao país.

Comitê Nacional de ORM-PO, julho de 1967.